

## A crise mundial da moda

O consenso de Washington impôs ao mundo um sistema rígido de regras estáveis, regras essas criadas juntamente com um grupo de instituições multilaterais de governança. Chamamos a essa estrutura de “mundo baseado em regras”.

Nesse mundo (que é também o da globalização do capital e dos produtos), o direito internacional e as instituições multilaterais de comércio são a garantia de estabilidade econômica, política e institucional.

O mundo dançou conforme a música do consenso de Washington, mas não se transformou na terra dos ursinhos carinhosos. As instituições que deveriam garantir todas essas estabilidades fofas que garantiriam o desenvolvimento humano não conseguem nem mesmo garantir a sua credibilidade.

A verdade é que essas instituições que teriam sido criadas para manter a estabilidade mundial não foram constituídas para isso, mas para garantir o exercício do poder das elites internacionalistas que as arquitetaram. Tampouco foram criadas para impedir qualquer crise, mas para, lentamente, substituírem os Estados nacionais na administração da economia, segurança e tutti quanti.

A fórmula é a seguinte: as instituições multilaterais falham em impedir ou administrar crises – sejam elas econômicas ou militares.

E após não de ter conseguido resolver qualquer problema, exigem mais atribuições e mais poder, supostamente para ter condições de impedir ou administrar as crises futuras, ainda que tenham falhado em impedir e administrar crises passadas e presentes.

Bem, como já tivemos diversos problemas “globais” que necessitaram de muita “cooperação” – e que, no fim do dia, acabaram servindo para aumentar a submissão à agenda internacionalista – as palavrinhas mágicas acima acabam servindo de desculpa esfarrapada para enfiar mais burocracia goela abaixo.

Para resolver esse problema, o Fórum Econômico Mundial resolveu criar não apenas uma palavrinha nova, mas uma nova crise, quase um apocalipse, que chamam de “polycrisis”.

O termo “polycrisis” refere-se a uma situação em que várias crises globais interconectadas ocorrem simultaneamente, criando um efeito multiplicador que torna cada uma das crises anteriores mais difíceis de serem resolvidas.

Esse termo aparece em dois relatórios do Fórum Econômico Mundial, que utiliza o conceito para descrever um cenário global onde problemas como mudanças climáticas, crises econômicas, desigualdade social, instabilidade política, pandemias, crises energéticas e tecnológicas, já estão se desenrolando de maneira simultânea e interdependente.

A polycrisis no fim das contas é um eufemismo para “colapso da globalização”, uma tragédia na visão dessa elite. Imagine que horror um mundo onde as pessoas saíssem por aí livremente, sem pagar créditos de carbono, sem obedecer uma constituição global e comendo carne vermelha! Eles não podem permitir isso.

### 'Solução' global

Para impedir esse colapso da globalização, é preciso reformar o multilateralismo e aumentar consideravelmente o poder de burocracias supranacionais como a ONU, OMC, FMI e cia limitada.

As propostas para a resolução da polycrisis são uma tentativa de unificar a governança internacional em torno de um único centro. Essa ideia parece atrativa na retórica, mas promove a centralização de poder nas mãos de elites tecnocráticas, sem mecanismos de prestação de contas ou de limitação desse poder centralizado. Em vez de fortalecer os Estados soberanos para enfrentar suas crises internas, as propostas do Fórum tendem a enfraquecê-los, transferindo poder decisório para organismos internacionais que, muitas vezes, operam em função de interesses privados.

Ao fim e ao cabo a tal da polycrisis é mais uma tentativa de salvar um projeto de poder global, totalitário, centralizado em poucos iluminados, ao custo de vidas e sonhos concretos das pessoas comuns.

